

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
9 de Março de 2024
RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (parte II)

COFRALANDES: RAPSODIA CHILENA 2 - ROSTROS Y RINCONES / 2002

Um filme de Raul Ruiz

Argumento: Raul Ruiz / *Imagem (mini dv, cor e preto & branco):* Inti Briones e Raul Ruiz / *Música:* Jorge Arriagada, Alfonso Leng, René Amengual / *Montagem:* Jean-Christophe Hym, Raul Ruiz / *Som:* Gabriel Fritus / *Interpretação:* Bernard Pautrat (o escritor francês), Raul Ruiz (narração). *Produção:* Ministério da Educação do Chile e RR Producciones, com a colaboração de Gemini Films e Margo Films / *Cópia:* digital (suporte original) versão original com legendas eletrônicas em português, além de legendas em espanhol para as partes faladas em francês / *Duração:* 81 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Montréal, 30 de Agosto de 2002 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Este segundo episódio de **Cofralandes** tem diferenças marcadas com o primeiro, intitulado **Hoy en Día**, mas o espectador deve ter em mente que se trata de um filme em quatro partes e que a nítida mudança de tom nesta segunda parte não prenuncia forçosamente o que se passará nas duas etapas subsequentes. As diferenças começam com a relativa falta de estrutura desta segunda etapa em relação à primeira, o que corresponde certamente à noção de *rapsódia* especificada no título, ou seja uma obra de forma livre, que por conseguinte pode ser algo fragmentária. Além disso falta a **Rostros y Rincones** o humor que percorre o primeiro episódio, substituído por um tom tristonho, quase elegíaco, o que, pelo menos em parte, se deve ao facto de no primeiro episódio Ruiz inventar situações insólitas, ao passo que neste limita-se sobretudo a observar, quase como num *travelogue*. O filme vai a esmo, aproxima-se dos rostos e dos espaços a que faz alusão o título e a seguir afasta-se sem aprofundar ou especular. O resultado é um objeto cinematográfico um tanto disperso, cujo dispositivo formal é pouco inteligível. Além disso, para o espectador pouco familiarizado com a cultura chilena é frustrante não poder identificar o que está por detrás de diversas intervenções verbais em *off*, tiradas de discursos políticos ou de intervenções radiofónicas, que Ruiz não inseriu certamente por mero jogo ou por razões decorativas.

O filme começa com um excelente exemplo da capacidade de imaginação de Raul Ruiz. O escritor francês, único dos três viajantes estrangeiros que são protagonistas desta tetralogia a estar presente neste episódio, desce de Santiago rumo ao sul do Chile (região de onde é originário Ruiz) “*para ver cores*”, porque, segundo ele, os habitantes de Santiago vestem-se apenas com cores sóbrias e neutras. Esta ideia parece ser o prenúncio de uma bela aventura ruiziana, em que a imaginação e a inteligência se aliam, mas o resultado é bastante discreto em relação ao que se podia esperar. O tema da *cor* simplesmente não é explorado e limitamo-nos a ver alguns artesãos de origem andaluza, sem dúvida já distante, além de uma longa sequência em que visitamos alguns *payadores*, cantores populares que não parecem “*nada interessantes*” ao francês, mas que o seu guia “*considerava indispensáveis*” e impinge-os ao visitante (e ao espectador). Neste trecho, salvo erro composto num plano-sequência em grandes planos, Ruiz age quase como um etnólogo que quisesse fixar uma cultura ameaçada e desafia diversos exemplos daqueles cantos, que podem não ter maior interesse para quem não tiver as referências necessárias. No único momento de humor no filme, talvez desencorajado pelo seu encontro com os *payadores*, o escritor francês desiste de ir mais além e faz meia-volta rumo ao norte, “*pois no Chile só existe o norte e o sul*”, numa

divertida alusão à geografia do país, longa e estreita faixa de terra entalada entre uma gigantesca cordilheira e o mais vasto oceano do mundo.

A partir desta meia-volta do viajante estrangeiro, que põe fim ao que podemos considerar como a primeira parte deste episódio de **Cofralandes**, tudo gira em circuito fechado, num périplo do qual não está ausente uma relativa auto-complacência e uma certa recusa em levar a termo aquilo que é esboçado. Ruiz mistura épocas e episódios, programas de rádio e um poema de Ruben Darío, bandas-desenhadas e um romance de Simenon, contrapõe cartazes publicitários de *sites* pornográficos e avisos sobre crianças desaparecidas, faz com que uma voz *off* desfie uma série de listas (do que é necessário para ser chileno; de coisas para comprar; de coisas a pôr na mala de viagem), mostra uma série de retratos do século XIX, entre os quais o do “pai da pátria” e primeiro presidente do Chile, Bernardo O’Higgins (um chileno reconhecerá sem dúvida muitos outros destes retratos) e uma série de gravuras sobre índios, passeia a câmara por Santiago, com destaque para um desfile de modas, onde acaba por se deter numa série de grandes planos de rostos anónimos em silêncio e o espectador pergunta-se o que pequenos mundos se descortinarão por detrás daqueles sorrisos e daqueles olhares. Lembranças pessoais e coletivas parecem entrecruzar-se, mas o facto insólito de Ruiz agir como um sóbrio observador e não como o brilhante efabulador que é faz de **Rostros y Rincones** um objeto um tanto neutro. O espectador não pode, no entanto, esquecer-se de que se trata apenas de uma das quatro etapas de **Cofralandes**, que só tem sentido no contexto global do filme. Vê-lo isoladamente é como ver apenas uma ou duas bobines de uma longa-metragem.

Antonio Rodrigues